

ALFABETIZAÇÃO: desafios e encantos¹

LITERACY: challenge and charms

Maria Aparecida Lapa de Aguiar²

RESUMO

O texto apresentado é decorrente de pesquisa em andamento sobre a inserção da criança de seis anos no Ensino Fundamental e está vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alfabetização e Ensino da Língua Portuguesa (Nepalp) do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A pesquisa desenvolve-se em duas escolas da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (SC). O projeto apresentado teve como objetivo geral compreender como a Rede do município pesquisado vem se organizando para a inclusão da criança de seis anos no Ensino Fundamental diante da demanda da legislação vigente. Como metodologia, a pesquisa prevê observações de sala de aula, acompanhamento da formação continuada oferecida pela Rede Municipal e entrevistas com as professoras envolvidas e com o representante da Secretaria de Educação, responsável pela inclusão das crianças de seis anos no Ensino Fundamental. Este artigo, especificamente, apresenta a análise de um relato de sala de aula decorrente das observações ocorridas durante a pesquisa. Tem-se como pretensão que essa pesquisa possibilite um diálogo que permita ampliar a reflexão sobre infância, alfabetização, processos de escolarização e formação continuada.

Palavras-chave: Alfabetização. Criança de seis anos. Formação da Alfabetizadora.

ABSTRACT

¹Esse texto foi apresentado no Seminário Desenvolvimento e Aprendizagem: Relações e implicações para a prática pedagógica, promovido pela Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, no dia 25 de abril de 2012, e também no III CLIC – Colóquio das Licenciaturas da Univille (Joinville/SC), no dia 19 de setembro de 2012. Ambos os eventos fizeram parte das atividades desenvolvidas pelo Núcleo de Pesquisa sobre o trabalho docente na/para a educação básica (NUPEDOC), do qual também participo. Para essa publicação, o texto sofreu pequenas alterações.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente do Departamento de Estudos Especializados em Educação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (EED/CED/UFSC) e subcoordenadora do Curso de Pedagogia. E-mail: cida.aguiar@gmail.com

The present text is a result from an ongoing research regarding the six year old child insertion in elementary school and is linked to the Study and Research Group in Literacy and Portuguese Language Teaching (Nepalp) from UFSC Science Education Center. Such research is proceeding in two municipal schools from Florianópolis/SC. The presented project has the aim to understand how the investigated municipal schools are being organized for the six year old integration in elementary school toward the effective law request. As methodology, such research includes classroom watching, monitoring the continuing education offered by the municipal schools and interviews with the involved teachers and with the Secretary of Education representative, responsible for six year old children insertion in elementary school. This work, in special, presents the analysis of a classroom report resulting from the observations that proceeded during the research. It is expected that this study provides a dialog which allows a larger reflection about childhood, literacy, schooling processes and continuing education.

Keyword: Literacy. Six year old child. Alphabetizer Education.

1 INTRODUÇÃO

Em uma aldeia de luz cegadora – a luz das terras brancas e secas do mês de maio – ensinava a ler uma menina por um dos métodos tradicionais habituais. Assim íamos, os dois, letra a letra do alfabeto. Ao chegar ao E, junto ao qual se havia desenhado um elefante, a menina, muito rápida, sem esperar minha leitura, disse “A”.

– Não – corrigi – se diz E. Esta é a letra E.

– Não – persistiu – se diz A. Esta é a letra A. Isto é um “alefante” (FRAGO, 1993, p. 28).

No início do ano de 2011, apresentei ao Colegiado do Departamento de Estudos Especializados em Educação (EED) do Centro de Ciências da Educação (CED) um projeto de pesquisa intitulado *A inclusão da criança de seis anos no Ensino Fundamental no município de Florianópolis/Santa Catarina*. Tal projeto é decorrente de minha trajetória de pesquisa, extensão e ensino na área de alfabetização e vincula-se ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alfabetização e Ensino da Língua Portuguesa (Nepalp). Em seu primeiro ano, recebeu o apoio do Funpesquisa, passou pelos trâmites do comitê de ética da Universidade Federal de

Santa Catarina (UFSC) e foi apresentado à Rede de Ensino, *locus* do desenvolvimento da pesquisa.

O projeto apresentado teve como objetivo geral compreender como a Rede do município pesquisado vem se organizando, para a inclusão da criança de seis anos no Ensino Fundamental, diante da demanda da legislação vigente. Como objetivos específicos, delinear-se os seguintes: analisar os documentos federais e municipais direcionados para a inclusão das crianças de seis anos no Ensino Fundamental; averiguar como o município vem se organizando para o atendimento dessa demanda; verificar como a inclusão dessas crianças vem ocorrendo no interior da escola a partir de dois estudos de casos considerados bem sucedidos, e investigar qual o papel da formação continuada oferecida pela Rede na atuação dessas professoras.

Como metodologia, a pesquisa prevê observações de sala de aula, acompanhamento da formação continuada oferecida pela Rede Municipal e entrevistas com as professoras envolvidas e com o representante da Secretaria de Educação, responsável pela inclusão das crianças de seis anos no Ensino Fundamental.

Tem-se como pretensão que essa pesquisa possibilite um diálogo que permita a ambas as partes – pesquisadora e Rede de Ensino – ampliar a reflexão sobre infância, alfabetização, processos de escolarização e formação continuada.

A proposta de observação centra-se nos encaminhamentos metodológicos das professoras, entretanto, ao me aproximar das crianças individualmente, tento também captar algo que no coletivo nem sempre é tão visível.

Para essas reflexões, especificamente, partirei de um episódio extraído do contexto de sala de aula do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola do município de Florianópolis (SC). Essa cena deve ser compreendida dentro de um contexto trabalhado

pela professora a partir do nome das crianças, da quantidade de letras e da ordem alfabética.

2 O EPISÓDIO

Logo na primeira página, sai o menino pelos fundos do quintal, e, de árvore em árvore, como um pintassilgo, desce ao rio e depois por ele abaixo, naquela vagarosa brincadeira que o tempo alto, largo e profundo da infância a todos nós permitiu... (SARAMAGO, 2003, p. 7)

Estava eu tentando ajudar um menino em uma atividade proposta em sala de aula na qual ele deveria colocar, dentro de um retângulo dividido em vários quadrados, nomes de pessoas que tivessem um número determinado de letras, conforme a indicação colocada ao lado de tais retângulos. Na realização da atividade, no momento em que deveria colocar um nome com oito letras, ele me falou que gostaria de escrever o nome 'Fernanda', que era uma amiga sua de outro espaço educativo, onde ele ficava antes de frequentar essa escola. Entretanto, ele alegou que não sabia como escrever. Então, eu lhe disse que achava que ele sabia sim e que eu poderia ajudá-lo.

8	F	E	R	N	A	N	D	A
---	---	---	---	---	---	---	---	---

Nisso, comecei a falar enfaticamente e devagar o nome 'Fernanda', para que ele pudesse ir se dando conta da relação entre som e escrita das letras. Logo, logo, ele começou a me dizer 'F', depois o 'E' e a seguir o 'R'. Quando chegamos no 'Nan' foi mais difícil, ele conseguiu perceber o 'N', o 'A', mas não conseguia dizer-me como faria aquele som do 'Nan'. Como este menino estava sentado ao lado de outro, que acompanhava o nosso processo, logo depois de eu falar "é um som que sai pelo nariz: nan", este outro menino falou: é o 'n', 'Fernan...'.

Este segundo menino estava também fazendo suas atividades e, ao mesmo tempo, mostrou-me que havia desenhado, em sua borracha branca, rodas, portas, capô, e que aquela borracha era um carro. Ele brincava um pouco e voltava para a atividade. Assim fomos indo, e o 'D' e o 'A' da 'Fernanda' foram muito fáceis de serem percebidos pelo nosso menino, que se aventurava a escrever um nome que a princípio ele dizia não saber como fazer. Quando terminou, eu lhe disse: "viu como você sabia!" Ao que ele respondeu, "é que você me ajudou a lembrar!"

3 ALGUMAS REFLEXÕES

Quando depois passava pelas ruas, as pessoas diziam que ele saíra da aldeia para ir fazer uma coisa que era muito maior do que o seu tamanho e do que todos os tamanhos. E essa é a moral da história (SARAMAGO, 2003, p. 22).

Esse pequeno episódio é rico de possibilidades para uma reflexão sobre vários aspectos que estão presentes no processo de ensinar e aprender em uma sala de alfabetização. Vou tecer algumas considerações a esse respeito:

- As crianças de seis anos estão chegando em nossas instituições com uma bagagem bastante grande sobre o mundo da escrita. Elas formulam hipóteses, elas querem arriscar e precisam ser encorajadas para tal. As alfabetizadoras não partem do zero, elas têm diante de si alguém que tem uma experiência de vida com mais ou menos familiaridade com a escrita, e isto é fato, e é necessário considerá-lo nesse processo inicial.

- A sensibilidade que o educador precisa ter diante desta criança é fundamental. Ele necessita perceber seus movimentos, suas formas de ser e estar na sala de aula e no mundo!

- Ele precisa também se dar conta que cada um faz um trajeto próprio, alguns rapidamente se apropriam do conhecimento sobre a linguagem escrita, outros demoram um pouco mais, no entanto, este

processo não acontece naturalmente. Para que haja aprendizagem é preciso que ocorram mediações.

- O papel do educador é o de criar situações problematizadoras para a escrita, em que a criança se depare com desafios, precise refletir sobre esse conhecimento e buscar caminhos para atingi-lo.

- Esses caminhos que a criança busca para compreender a escrita precisam ser orientados pelo educador. No entanto, ela deve estar também em situações de interação com seus pares, as quais favoreçam o aprendizado de uns com os outros, no sentido de aprender com o mais experiente, tal como coloca Vygotski (VYGOTSKI, 1993, p. 240).

- As falas das crianças precisam ser ouvidas. Uma sala de alfabetização, nos dias de hoje, não pode ser tomada pelo silêncio absoluto como nossas salas de aula do passado.

Extraí de minha dissertação de mestrado um trecho de Oliveira (1995) que trago para complementar essas reflexões:

Para Oliveira (1995), podemos situar três idéias básicas de Vygotsky que têm particular importância para a educação: *o desenvolvimento psicológico deve ser olhado de maneira prospectiva*, ou seja, para além do que o sujeito já domina; *os processos de aprendizado movimentam os processos de desenvolvimento*, isto é, o ensino deve estar à frente do desenvolvimento, e o aprendizado deve proporcionar desenvolvimento; e, por último, *deve haver uma atuação dos outros membros do grupo social na mediação entre a cultura e o indivíduo e na promoção dos processos interpsicológicos que serão posteriormente internalizados*. Essas três idéias apresentam-se inter-relacionadas e indicam o papel da educação nos processos de desenvolvimento humano, visto que: [...] o indivíduo não tem instrumentos endógenos para percorrer, sozinho, o caminho do pleno desenvolvimento, o mero contato com objetos do conhecimento não garante a aprendizagem, assim como a simples imersão em ambientes informadores não promove, necessariamente, o desenvolvimento, balizado por metas culturalmente definidas. A intervenção deliberada dos membros mais maduros da cultura no aprendizado das crianças é essencial ao seu processo de desenvolvimento (AGUIAR, 1998, p. 15).

Oliveira (1995) refere-se a um dos conceitos elaborados por Vygotski que é o de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Em linhas gerais, a ZDP envolve dois níveis de desenvolvimento, o real – correspondente aos conhecimentos que o ser humano já se apropriou, e o nível potencial – relacionado ao que ele ainda não domina, necessitando, para a efetivação dessa apropriação, da ajuda de um ‘outro’.

O conceito de Vygotski, portanto, aponta para o papel do ensino sistematizado. A escola é um espaço social específico, em que deve ocorrer o contato com o sistema de escrita e com outras tantas possibilidades de conhecimentos que a humanidade desenvolveu ao longo de sua história. Por isso, é fundamental que tomemos consciência de que ensinar a ler e a escrever exige do professor uma postura que implica saber que seu papel é fundamental para que ocorra o aprendizado. Ajudar uma criança a refletir sobre o sistema de escrita é ajudá-la a acessar um conhecimento que fará diferença em sua vida, que a auxiliará a se situar no mundo de uma maneira distinta daquela pela qual se situou até então. Abrem-se outras tantas possibilidades a partir do domínio da linguagem escrita em uma cultura altamente centrada nesse conhecimento, como é a nossa na atualidade.

Reconhecer o papel da mediação e, também, das interações que são possíveis em sala de aula, torna-se o motor do processo de ensino e aprendizagem.

Daí a importância de criar na sala uma ambiência alfabetizadora. Cartazes com alfabeto, listas, textos, devem compor as possibilidades de referência para a criança. Ela deve ser estimulada a ‘pesquisar’ neste ambiente, buscando pistas que lhe ajudem no processo de apropriação da escrita, assim como se deve favorecer as interações/trocas entre elas para que possam sempre estar juntas, pensar juntas, elaborar conhecimento em conjunto.

Essa foi a realidade que encontrei nas duas salas de aula pesquisadas.

Defendo, também, que se faz necessário criar espaços-tempos de maior diálogo entre Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, para que seja favorecida uma organização dos processos de ensino e aprendizagem de uma maneira que não haja um choque, uma ruptura, muitas vezes brusca, na entrada da criança no processo de escolarização.

O estudante de seis anos é uma criança. Não se pode perder isso de vista. Eles deslizam nas salas, experimentando movimentos, fazem caretas, contorcem-se nas cadeiras, inquietam-se e reclamam que acordaram muito cedo. Querem brincar e acham alternativas, mesmo durante as atividades, quando uma borracha, por exemplo, vira um carrinho...

O que fazer em nossas escolas para que as reconheçamos definitivamente como espaço-tempo da infância? Como podemos conciliar o brincar e o aprender? Esse é um desafio atual, respaldado inclusive na Resolução 01/2010 (CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2012, p.1), “que fixa normas para o Ensino Fundamental de 09 (nove) anos da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, Santa Catarina”, quando afirma em seu artigo 12, inciso I, a “ênfase no brincar como modo de ser e estar no mundo”.

Ao se pensar na alfabetização, nos dias de hoje, e as indicações dadas em documentos oficiais (propostas curriculares, PCNs), em cursos de formação inicial ou continuada, precisamos reconhecer que alfabetizar implica contribuir para que a criança se aproprie do sistema de escrita e, simultaneamente, tenha acesso aos textos que circulam socialmente, ou seja, que tenha sentido para ela aprender a ler e escrever, enfim, que a criança possa ‘se alfabetizar, letrando’ (LEITE, 2001).

Quando o menino me diz “é que você me ajudou a lembrar” o que realmente está subjacente a essa fala? Qual é o papel do professor nesse processo? As mediações feitas são de extrema importância no encorajamento ao desafio de aprender a ler e a escrever, no desempenho dessa criança no processo de apropriação da escrita – essa ferramenta fundamental na sociedade em que vivemos.

Eu o ajudei a perceber a relação grafema/fonema e, ao mesmo tempo, essa atividade remetia a algo que para ele era muito significativo, o nome de uma amiga de sua história de vida, a “Fernanda”, e ele fez questão de me dizer quem ela era. Nesse diálogo, eu, ele e o outro menino resolvemos juntos algo que ele ainda não conseguia resolver sozinho. Portanto, alfabetizar-se não deve ser um processo solitário, mas completamente solidário.

4 CONSIDERAÇÕES

Teço a seguir algumas considerações sobre a formação da alfabetizadora, que extraio em forma de síntese de minha tese de doutorado (AGUIAR, 2007):

- A constituição do ‘ser professor(a)’ é muito complexa e compõem-se de momentos formalizados e não-formalizados, em que se inclui a formação inicial (graduação ou o magistério de nível médio) e a formação continuada, considerada como um campo em que se situam tanto as possibilidades formalizadas, como é o caso de cursos oferecidos por Redes de Ensino, como as não-formalizadas, em que cabe o aprendizado pela própria experiência, com os colegas de trabalho, por meio de livros, revistas, entre outros.

- Há que se reconhecer o valor da formação inicial (de nível superior) nas tomadas de consciência que as disciplinas ligadas às Ciências da Educação, nos cursos de Pedagogia, são capazes de ampliar e proporcionar.

- Há que se reconhecer também o papel dos anos de experiência como um dos aspectos que favorecem reflexões, não por si só, mas no confronto com outras aprendizagens que ocorrem ao longo da carreira profissional.

- E ainda, a necessidade de uma instância coletiva de discussão pedagógica, com tempo e espaço favorável para a reflexão e a aprendizagem, em sintonia com os processos desenvolvidos em sala de aula, que se caracterize pela quebra das vozes silenciadas ou pouco ouvidas dos docentes. Isso sugere uma formação continuada sistemática como aliada fundamental para a formação da profissionalidade, capaz de ampliar, rever posturas e concepções desenvolvidas no processo inicial e no decorrer da carreira.

Apoio-me nas palavras de Kramer (2006) para fechar minha linha de raciocínio:

Com a Lei n. 11.274/2006, o ensino fundamental passa a ter nove anos, no Brasil, e inclui obrigatoriamente as crianças de 6 anos, o que já é feito em vários países e em alguns municípios brasileiros há muito tempo. Mas muitos professores ainda perguntam: O melhor é que elas estejam na educação infantil ou no ensino fundamental? Meu ponto de vista é o de que o planejamento e o acompanhamento pelos adultos que atuam na educação infantil e no ensino fundamental devem levar em conta a singularidade das ações infantis e o direito à brincadeira, à produção cultural, na educação infantil e no ensino fundamental. Isso significa que as crianças devem ser atendidas nas suas necessidades (a de aprender e a de brincar) e que tanto na educação infantil quanto no ensino fundamental sejamos capazes de ver, entender e lidar com as crianças como crianças e não só como alunos. A inclusão de crianças de 6 anos no ensino fundamental requer diálogo entre educação infantil e ensino fundamental, diálogo institucional e pedagógico, dentro da escola e entre as escolas, com alternativas curriculares claras (KRAMER, 2006, p. 810).

Quem se propõe a ser alfabetizador(a) sabe que irá se deparar com muitos desafios. Mas quem não se encanta com uma criança que descobre que ler e escrever são uma porta para o mundo?!

REFERÊNCIAS

AGUIAR, M. A. L de. **As múltiplas determinações na formação de professoras alfabetizadoras**. 2007. 278f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

_____. **A Relevância da linguagem para o desenvolvimento humano**: contribuições da perspectiva vygotskiana para a educação. 1998. 123f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Resolução nº 01/2010 de dez. 2010. Fixa normas para o Ensino Fundamental de 09 (nove) anos da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, Santa Catarina. **Diário Oficial do Município**, Florianópolis, n. 384, 27 dez. 2012. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/11_07_2011_12.50.49.7a0271f876a2810273c759afb8664688.pdf> Acesso em: 20 set. 2012

FRAGO, A. V. **Alfabetização na sociedade e na história**: vozes, palavras, textos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

LEITE, S. A. (org.). **Alfabetização e letramento**: contribuições para as práticas pedagógicas. Campinas, SP: Komedi/Arte Escrita, 2001.

OLIVEIRA, M. K. O pensamento de Vygotsky como fonte de reflexão sobre a educação. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 15, n. 35, p. 9-14, 1995.

SARAMAGO, J. **A maior flor do mundo**. Ilust. João Caetano. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2001.

VYGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas II**: Incluye pensamiento y lenguaje / conferencias sobre Psicología. Madrid: Visor, 1993.

Recebido em 26/09/2012

Aprovado em 16/11/2012